

PRÁTICAS CORPORAIS HODIERNAS: UM OLHAR PELA SOCIOLOGIA CONTEMPORÂNEA

Gabriel Bungenstab
Universidade Federal de Goiás
Contato: gabrielcarv@msn.com

RESUMO: O texto a seguir aponta algumas contribuições sobre os pensamentos dos sociólogos Zygmunt Bauman e Michel Maffesoli. O diálogo entre esses dois pensadores aponta caminhos a fim de refletir o que vem sendo a juventude contemporânea e a relação que ela assume com o corpo e com as práticas corporais. Inserir esses dois sociólogos de grande importância no cenário mundial para pensarmos a Educação Física e as práticas corporais é uma aposta nova e que pode gerar outras reflexões e críticas acerca da nossa área.

Palavras-chave: práticas corporais; educação física; sociologia; juventude.

INTRODUÇÃO

A discussão sobre as práticas corporais juvenis na sociedade hodierna é um tema sintomático para ser debatido tanto no âmbito da Educação Física como da Sociologia. Na esteira de Carvalho (2010), entendemos as práticas corporais como “modos de viver”, no sentido de que elas são componentes da cultura corporal dos povos e estão associadas ao indivíduo em suas gestualidades, movimentos e seus modos de se expressar corporalmente. O objetivo deste artigo é refletir sobre as práticas corporais juvenis na sociedade contemporânea (pós-moderna) utilizando os pensamentos do sociólogo polonês Zygmunt Bauman e do, também, sociólogo francês Michel Maffesoli.

Sabe-se que o debate acerca da modernidade/pós-modernidade é caro nos dias atuais. Diversos autores contribuem para o debate, ora acreditando que a sociedade sofreu modificações estruturais e ora acreditando que a sociedade ainda se mantém na ordem da modernidade. Mas o que se entende por modernidade e pós-modernidade? Segundo Giddens (1991, p. 11):

Uma estonteante variedade de termos tem sido sugerida para essa transição, alguns dos quais se referem positivamente a emergência de um novo tipo de sistema social (tal como “sociedade de informação” ou “sociedade de consumo”), mas cuja maioria sugere que, mais que um estado de coisas precedente, esta chegando a um encerramento (“pós-modernidade”, “pós-modernismo”, “sociedade pós-industrial”, e assim por diante)

A leitura que Bauman e Maffesoli fazem da sociedade atual podem nos dar pistas sobre as novas manifestações corporais juvenis que vem nascendo dentro das escolas e nas ruas. Bauman realiza um diagnóstico enfatizado em uma sociedade do consumo, pautada pelo presente e pelas relações efêmeras. Já Maffesoli prefere trabalhar com a ideia de que, hoje, os indivíduos (incluindo os jovens) se relacionam em grupos, denominados pelo sociólogo francês de novas tribos, onde os indivíduos tem a capacidade de poder se identificar com vários grupos diferentes. Bauman é um sociólogo bastante trabalhado no campo das práticas corporais e da corporeidade. Importantes obras na área que utilizam esse autor foram escritas por Bracht, Almeida e Gomes (2012). Maffesoli, por sua vez, é mais requerido no campo da sociologia, onde, as práticas corporais surgem apenas de forma secundária para se tratar o tema das formações de grupos e do cotidiano juvenil, como visto em Groppo (2009) e Magnani (2002).

Para entender a relação da juventude com as práticas corporais na sociedade atual acredito ser importante entender as mudanças que ocorreram na sociedade e como elas influenciam o trato que a juventude dispensa às práticas corporais nos dias de hoje. Entendo que Bauman e Maffesoli “dão pistas” e contribuem de forma significativa para pensarmos sobre as transformações da sociedade (e do jovem). Os aspectos apontados por eles irão compor e aprofundar uma nova forma de viver e de se relacionar no contemporâneo, sobretudo, com as práticas corporais. Elenquei alguns aspectos discutidos por ambos os autores que acredito serem importantes para o desenvolvimento do presente trabalho, sobretudo no que tange à contribuição bibliográfica acerca do tema.

Nesse sentido, trazer as ideias desses dois sociólogos é interessante para se pensar as práticas corporais no

âmbito da educação física, tendo em vista que relacionar as novas interseções da sociedade atual (consumo, efemeridade, presenteísmo e neotribalismo) é também entender como os jovens hoje veem e se relacionam com as práticas corporais, tanto aquelas institucionalizadas (pela disciplina de educação física) quanto àquelas que são formuladas pelos próprios jovens em suas ações cotidianas. Ao tratar dos jovens, Velho (2006) nos mostra que a juventude contemporânea é marcada por diversas manifestações diferentes. Como por meio da música nos seus diferentes ritmos - como o funk, samba, hip hop - os esportes - capoeira, lutas e esportes coletivos - e a tecnologia dão oportunidades para as mais diversificadas e flexíveis manifestações dos jovens.

DISCUTINDO CONCEITOS ENTRE BAUMAN E MAFFESOLI

Tanto Bauman quanto Maffesoli realizam diagnósticos sobre o que vem sendo a sociedade contemporânea. Os dois autores discursam sobre o que seria a socialização (social) e a socialidade. Para Bauman (1993), a socialização é um processo controlável (na modernidade, o Estado-Nação e as instituições eram as controladoras), em prol da reprodução e buscando atribuir uma identidade aos sujeitos dentro de um grupo específico, ou seja, ela classificava e determinava o espaço e a função que cada sujeito desempenhava na sociedade. Isso garantiu a estrutura do Estado moderno.

Assim, os acontecimentos caminhavam junto com a probabilidade, sujeita a padrões, critérios e pautada no racionalismo da vida cotidiana. A socialização visa ao tempo futuro. Bauman (1993, p. 149) demonstra que “[...] a socialização pode ser analisada, desconjuntada em fases e atos constitutivos, em realizações parciais e funções complementares [...]”. A socialização constrói e determina certa

ordem, comparando aquilo que se deve ou não fazer, aquilo que se ganha e perde, a fim de construir um futuro seguro e racional.

Já a socialidade, segundo o sociólogo polonês, é um processo no qual se vive totalmente do presente; não tendo nenhuma biografia, ela acaba antes mesmo de construir algum tipo de história. É considerada como uma erupção, que surge repentinamente, alcança seu auge e se desfaz de forma rápida e brusca. A socialidade não possui uma finalidade em si, a não ser a de valorizar o “estar-junto” de forma desinteressada e partilhar o momento do “nós”. Bauman (1993) ressalta que a socialidade não tem poder de expansão e, pautada pela efemeridade, ela dá todas as condições para que o sentimento de emoção transborde sem cessar até o seu rápido desaparecimento.

Como característica do social, Maffesoli (2010) diz que o indivíduo podia ter uma função na sociedade, convivendo enraizado a um partido ou a um grupo estável. Já na socialidade, o indivíduo daria lugar à pessoa que representa papéis nos diferentes setores sociais de que participa; assim, pautado pelos gostos, ela vai assumindo seu lugar em diferentes neotribos e grupos específicos. Para o sociólogo francês (2009, p. 100):

Ao social correspondem a solidariedade mecânica, o instrumental, o projeto, a racionalidade e a finalidade; a socialidade, correspondem a solidariedade orgânica, a dimensão simbólica (comunicação), o não lógico, a preocupação com o presente. Ao drama sucede o trágico, aquilo que é vivido em si mesmo sem rejeição as contradições.

Maffesoli (2004) acredita que a socialidade é o que está na ordem do dia no contemporâneo. Ela é bem

diferente da simples sociabilidade (socialização) considerada como um enfeite de importância mínima na estrutura das relações sociais. Faz sentido, para o autor, trabalhar com a ideia de estética, a fim de compreender esses fenômenos de sentimentos e experiências partilhadas que ocorrem no seio das socialidades. Entendendo que estética, para Maffesoli (1996), é a faculdade comum de sentir, de experimentar, o que importa na socialidade não é o reconhecimento em determinado projeto político; sua razão é simplesmente o presente vivido coletivamente, em grupo.

Bauman diz (1993, p.149) que “A diferença mais notável é a diferença entre o fato de a socialização ter um propósito e o fato do desinteresse da socialidade”. Já Maffesoli diz (1987, p. 133) que “Nunca será demais insistir: a autenticidade dramática do social corresponde à trágica superficialidade da socialidade”. Para Bauman, a presença de propósito na socialização gera a construção e manutenção da ordem, visando o projeto futuro e calculando as ações que devam ou não ser realizadas. Ele ainda analisa o desinteresse da socialidade, de uma forma crítica, dizendo que a mesma, por não possuir nenhum propósito e nenhum projeto futuro, se encerra ao passo que o grupo e as relações (estéticas) cessam:

Socialidade instantânea da multidão é uma contra-estrutura para a estrutura da socialização. Num só momento glorioso de “descarga”, ela anula anos (talvez séculos) de elaboração paciente. Não tem nenhuma estrutura própria; rumina nos entulhos da estrutura que acabou de explodir – a única estrutura que a “sociedade” conhece. (BAUMAN, 1993, p.151)

Já Maffesoli (1996) dá destaque para a superficialidade da socialidade,

dizendo que a profundidade pode estar oculta na aparência. Em muitos momentos a aparência, para ele, é vetor de agregação, de sentimento estético e de reconhecimento. Sendo assim, a visão que Maffesoli postula é, de fato, mais positiva quando comparado à Bauman. Viver o presente, usufruindo de diferentes papéis dentro dos mais diversos lugares é o que da liga as neotribos. A importância está em usufruir o presente de uma forma coletiva. Bauman parece entender que o “eu” individual se encontra com o “nós” grupal, no entanto, essa relação, na sua visão, é pautada pelo consumismo. O indivíduo deve ter como principal cuidado,

[...] a capacidade de aproveitar a oportunidade quando ela se apresentar; a desenvolver novos desejos feitos sob medida para as novas, nunca vistas e inesperadas sedução; e a não permitir que as necessidades estabelecidas tornem as novas sensações dispensáveis ou restrinjam nossa capacidade de absorver-las e experimentá-las (BAUMAN, 2001, p.91)

O cuidado em não estabelecer nenhuma relação fixa e concreta com qualquer grupo específico é o que gera as inúmeras possibilidades de experimentação, por exemplo, dentro dos muros escolares. No entanto, “saber que não estamos sós e que nossas aspirações pessoais são compartilhadas por outros pode conferir segurança” (BAUMAN, 2003, p.60). Ainda assim, o autor fala que esses vínculos gerados não podem ser irrevogáveis e muito menos impedir escolhas pessoais diferenciadas e singulares. O grupo deve manter a noção de que suas portas estarão sempre abertas para entradas e saídas espontâneas. Parece que, para Bauman, a relação do indivíduo com o grupo, ocorre, mas a mesma sempre acaba retornando ao indivíduo único,

consumidor, sozinho e inseguro. Já Maffesoli, desconsidera qualquer atividade na qual o individualismo seja o centro. Ele mesmo ressalta que essas inúmeras discussões acerca da sociedade individualizada (e aqui podemos incluir Bauman) não passam de pensamentos de figurino e:

A menos que sirvam para exprimir a profunda confusão de intelectuais que não compreendem mais nada da sociedade que é sua razão de ser, e dessa maneira tentem devolver-lhe o sentido, em termos adequados ao campo moral e/ou político no qual exelem. Não pretendo voltar a esse combate de retaguarda. Basta indicar ainda, que de maneira um pouco peremptória, como a experiência do outro fundamenta a comunidade, mesmo que ela seja conflitual. (MAFFESOLI, 1987, p.102)

Parece então, que para este autor, o processo ocorre de forma inversa se o compararmos a Bauman. Aqui, a importância está menos no indivíduo e mais no grupo. A relação aparece de forma coletiva e ela nunca retorna para o indivíduo, como defende Bauman. Maffesoli acredita que o processo vai de um grupo (neotribo) a outro grupo. Ou seja, o indivíduo tem a capacidade, por meio da identificação, das máscaras e dos papéis de circular de um grupo ao outro, mas nunca voltando para o “eu” individual isolado.

ALGUMAS IMPLICAÇÕES PARA O CONCEITO DE JUVENTUDE

De acordo com Groppo (2000, 2004), a juventude tem que ser pensada como categoria social e, nesse sentido, a juventude acompanha, influencia e é influenciada pelas

transformações que ocorrem na sociedade, agindo de forma dialética. Para Groppo (2004) a juventude é uma realidade social e não uma mistificação ideológica. Desse modo, é preciso relacionar a juventude com outras categorias sociais como: a classe social, etnia, raça, religião e condição urbana. Assim, segundo Groppo (2004, p. 12): “[...] ao analisar as juventudes concretas, é preciso fazer o cruzamento da juventude – como categoria social – com outras categorias sociais e condicionantes históricos”. A partir disso, Groppo vai defender a ideia de que há uma condição juvenil mais ou menos geral que, dialeticamente, resulta na criação de diferentes grupos juvenis.

Nesse sentido, devemos considerar que a condição da juventude está ligada a construção da história do homem, ou seja, a produção da vida humana. Considerar a juventude em seus aspectos naturais (geracional) e também sócio-culturais (classista, moratória social, protagonismo) é interessante para refletirmos a juventude na sociedade brasileira atual. É certo que hoje podemos demarcar a juventude brasileira sob um viés geracional, considerando-a como uma etapa da vida, baseada pelas experiências, por transformações biológicas e pela locação social que está inserida. Pais (2009) e Mannheim (1973) foram pesquisadores que descreveram bem a ideia da juventude geracional, mas que também é marcada por influências sociais e culturais.

Pensando na juventude, podemos dizer que, por um lado, há uma tendência de que as relações juvenis passem – na modernidade líquida – a se caracterizar com um alto índice de insegurança e ansiedade, gerando, por consequência, falta de confiança perante o outro e certa individualidade, ou seja, o jovem passa a se preocupar mais com o “eu” do que com o “nós” (BAUMAN, 2013). No entanto, existe também a visão de que

o jovem, imbuído de suas máscaras, possa vivenciar melhor seus momentos juvenis e criar, por meio disso, um fortalecimento grupal e tribal.

Percebemos que as diferenças teóricas entre esses dois autores vai constituindo modos de viver e características sociais distintas, inclusive para a juventude. Muito se diz que hoje os jovens vivem de forma individual, à base do consumo e criando relações superficiais e fluidas com os outros (BAUMAN, 2013). Não se prendem a um determinado espaço e não se preocupam muito com o tempo futuro. Quanto mais rápido esses jovens se movem, mais poder eles adquirem. O conhecimento pode ser um exemplo de poder, e sabemos que o conhecimento não é regalia exclusiva da escola. Bauman diz que,

Hoje, não se espera nem se pressupõe que os jovens “estão em vias de se tornar adultos como nós”; a tendência é vê-los como um tipo diferente, que permanecerá diferente “de nós” por toda a vida. As discrepâncias entre “nós” (os mais velhos) e “eles” (os mais novos) não nos parecem mais corresponder a uma fase passageira e irritante, que tenderá fatalmente a se dissipar e a desaparecer à medida que eles amadureçam para as realidades da vida. Os jovens sem dúvida vão permanecer; eles são irrevogáveis (BAUMAN, 2010, p.20)

Segundo Bauman (2010), esse indivíduo contemporâneo, sozinho, em frente ao seu computador ou ao celular pode rapidamente se mover e se apropriar de conhecimentos que as gerações jovens anteriores não tiveram a oportunidade (e se tiveram, o processo se deu muitos mais lentamente). Bauman (2010) chama de geração Y aqueles que, hoje, possuem entre 11 e 28 anos. Essa geração, para

ele, nasceu e vive num mundo totalmente diferente daquele vivido por gerações anteriores, Bauman (idem, p.60) “[...] um mundo de emprego abundante, oportunidade aparentemente infinitas de prazer, cada um mais atraente que o outro e capaz de multiplicar esses prazeres cada vez mais sedutores [...]”.

Ao mesmo tempo, podemos considerar que o jovem contemporâneo também necessita de uma relação grupal (tribal) e que hoje as relações estéticas e táteis estão na ordem do dia. Não importa se esse indivíduo irá consumir ou realizar algo com alguma finalidade. A importância de estar-junto com outros vivenciando o presente e compartilhando um forte sentimento em comum é o que rege esses indivíduos atualmente. Parece que a ideia aqui é demonstrar que o jovem pertence a diferentes grupos e com distintos papéis em cada um deles. Maffesoli (2005, p.13) prefere trabalhar com a ideia de juvenilismo:

[...] a atitude ou a cultura jovem, o “juvenilismo”, que com frequência se estigmatiza nas sociedades contemporâneas, não está limitado simplesmente a um problema geracional, mas a uma função contaminadora. A “eterna criança” é contemporaneamente uma figura emblemática, assim como foi o adulto sério, racional, produtor e reprodutor do século XIX

Juvenilismo e função contaminadora, para Maffesoli (2005), representam uma ênfase e uma exploração das características marcadamente juvenis, como os valores, as regras e a moda. O que importa, nessa visão é o sentimento de pertença que predomina fortemente no ideal comunitário. cremos que em determinados ambientes e momentos o jovem possa vivenciar uma dessas características com mais ênfase do que a outra. Abramo (2005, p.44) diz que;

“Agora a pergunta é menos sobre a possibilidade ou impossibilidade de viver a juventude, e mais sobre os diferentes modos como tal condição é ou pode ser vivida”. A escola assim pode ser um espaço onde prevaleça uma delas ou onde há uma alternância das mesmas.

APONTANDO NOVOS CAMINHOS NA RELAÇÃO ENTRE A JUVENTUDE E AS PRÁTICAS CORPORAIS

Acredito que os pensamentos de Bauman e Maffesoli apresentados aqui, surgem no sentido de proporcionar um novo caminho para se pensar a juventude na sociedade atual. E é a partir dele que também podemos discutir relações que a juventude tece com algumas manifestações relacionadas às práticas corporais. Como bem ressalta Velho (2006, p. 198): “A conjunção de esporte, música e novas formas de sociabilidade tem permitido, como já foi sugerido, maior contato entre pessoas de origens e meios sociais bastante diferentes.”. É nesse contexto que se deve conceituar o jovem com sua heterogeneidade e dinamismo, pensando no jovem de hoje como um ator social que vive o entorno dessa sociedade fluida e flexível.

Como pensar o jovem, por exemplo, dentro do cenário escolar de ensino médio e sua relação com a educação física, levando em consideração os aspectos da individualidade, das máscaras, das neotribos, do presenteísmo e das relações fluidas e flexíveis? Como entender as mais diferentes manifestações corporais e esportivas que os jovens levam para o universo da escola? Até que ponto dar importância para os grupos, ou as famosas panelinhas de jovens que se criam dentro da aula de Educação Física? Cachorro et al. (2010) dizem que as práticas corporais ainda são pouco exploradas, principalmente quando são tratadas como campos de estudo nas aulas de Educação Física. Esses

espaços podem ser lugares oportunos para se reformular novas práticas e saberes, agregando aspectos da cultura corporal que os jovens trazem dos espaços de fora da escola.

Ao tratar da relação dos esportes radicais (ER) com a educação física escolar, Ambrust e Silva (2012) destacam a importância de considerar essas práticas corporais, oriundas de ambientes urbanos e naturais, como conteúdos dentro do espaço escolar. Eles dizem:

Os ER, mesmo aqueles entendidos como individuais, geralmente são praticados em companhia de alguém. Podemos ver pessoas sozinhas em cima de um skate, mas dificilmente se encontra desacompanhado de outros skatistas. Os ER costumam promover um convívio interpessoal visto como fundamental já que aumenta a motivação do grupo e confere a agradável sensação de pertencer a algo que tem significados compartilhados. (AMBRUST E SILVA, 2012, P. 296)

Vemos, por meio do estudo desses dois autores, como a relação do individual e do grupal (neotribal) assume importância quando pensada junto às práticas corporais. É nesse sentido que os pensamentos de Bauman e Maffesoli podem dar contribuições valiosas para o entendimento de juventude contemporânea e da relação que ela assume com o corpo, com a educação física e com as práticas corporais fora da escola. Inserir esses dois sociólogos de grande importância no cenário mundial para pensarmos a Educação Física e as práticas corporais é uma aposta nova e que pode gerar outras reflexões e críticas acerca da nossa área, tanto dentro quanto fora da escola.

Podemos pensar, também, como bem ressalta Bassani, Torri e Vaz

(2013), que as práticas corporais ainda são vistas pelos jovens como mecanismos de elevação do seu *status* social, representando todo um discurso de autosuperação, de progressos corporais e de busca do sucesso. Nesse sentido, as influências do consumo e dos grupos nos quais os jovens participam se tornam instrumentos importantes de análise. O consumo de materiais esportivos demonstra que para o jovem se sentir realmente um praticante de alguma atividade física ele precisa consumir todos os acessórios necessários para aquela prática (tênis, roupas e etc). Além de melhorar seu desempenho, o consumo desses materiais promulga a ideia de que o jovem está “antenado” e atento para os produtos que estão em voga. Sejam influenciados pelo seu grupo ou sozinho, o jovem de hoje parece enxergar as práticas corporais como importantes instrumentos do seu cotidiano, seja praticando (como atleta ou lazer) ou consumindo essas práticas (se vestindo como atletas se vestem).

Por fim, torna-se interessante realizar pesquisas futuras com o intuito de enxergar, empiricamente, como os jovens se relacionam com as práticas corporais institucionalizadas (aulas de educação física). O que prevalece mais em relação às práticas corporais vivenciadas pelos jovens atualmente? Será que é o seu aspecto consumista (promulgando em sua maioria pela mídia) ou a influência que os grupos exercem sobre seus jovens participantes?

REFERÊNCIAS

- ABRAMO, Helena Wendel. Condição juvenil no Brasil contemporâneo. In ABRAMO, Helena Wendel e BRANCO, Pedro Paulo Martoni. **Retratos da juventude brasileira**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2005.
- ARMBRUST, I. ; SILVA, S.A.P. **Pluralidade cultural: Os Esportes Radicais na Educação Física Escolar**. Movimento (UFRGS. Impresso), 2012.
- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2001.
- _____. **Comunidade: a busca por segurança no mundo atual**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2003.
- _____. **Ética da pós-modernidade**. São Paulo: Paulus, 1993.
- _____. **44 cartas do mundo líquido moderno**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2010.
- BASSANI, J. J; TORRI, D; VAZ, A, F. Sobre a presença do esporte na escola: paradoxos e ambiguidades. **Movimento**, Porto Alegre, v. 9, n. 2, p. 89-112, maio/ago. 2003. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/2811> . Acesso em: 05 dez. 2012.
- CACHORRO, G. A; CÉSARO, A. R; SCARNATTO, M; VILLAGRÁN, J. B. La ciudad, los jóvenes y el campo de las practicas corporales. **Revista Brasileira de Ciencias do Esporte**, Campinas, v. 31, n. 3, p. 43-58, maio 2010. Disponível em: <http://www.rbceonline.org.br/revista/index.php/RBCE/article/view/923/526>. Acesso em: 22 set. 2012
- CARVALHO, Y. **As práticas corporais como práticas de saúde e de cuidado no contexto da promoção da saúde**. 2010. Tese. Livre- docência (Pós-Doutorado) – Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo, 2010.
- GIDDENS, A. **As consequências da modernidade**. São Paulo: Editora UNESP, 1991.
- GROPPO, L. A. **Juventude**: ensaios sobre sociologia e história das juventudes modernas. Rio de Janeiro: Difel, 2000.
- _____. Dialética das juventudes modernas e contemporâneas. **Revista de Educação do Cogeime**, n.25, p.9-22, Dez. 2004. Disponível <

<http://www.scielo.cl/pdf/udecada/v18n3/art02.pdf> > Acesso em: 7 out. 2014.
MAGNANI, J. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 17, n. 49, p. 11 - 29 jun. 2002.

MAFFESOLI, Michel. **O Tempo Tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa**. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1987.

_____. **No fundo das aparências**. Rio de Janeiro: Vozes, 1996.

_____. Perspectivas tribais ou a mudança de paradigma social. **Revista Famecos: mídia, cultura e tecnologia**. Porto Alegre, n. 23, p. 23-29, abr. 2004.

_____. Cultura e comunicação juvenis. **Comunicação, mídia e consumo**. São Paulo, n. 4, 2005. Disponível em: <http://revistacmc.espm.br/index.php/revistacmc/article/view/48/48>. Acesso em: 12 mai. 2012.

MANNHEIM, Karl. **Diagnóstico de nosso tempo**. 3.edição. Rio de Janeiro: Zahar, 1973.

PAIS, J. M. A juventude como fase de vida: dos ritos de passagem aos ritos de impasse. **Saúde Soc.**, São Paulo, v. 18, n. 3, p. 371-381, 2009.

VELHO, G. . **Juventudes, projetos e trajetórias na sociedade**. In: ALMEIDA, Maria Isabel Mendes de; EUGENIO, Fernanda. (Org.). **Culturas jovens: novos mapas do afeto**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006, p. 1-236.